

Trabalho de Memória

Resgatando Memória: patrimônio histórico cultural

O trabalho de memória apresentado faz parte do fechamento da disciplina História do Brasil II com a temática: As representações do silêncio na historiografia da sociedade brasileira. Do século XXI à primeira república. Ministrada pelo Profº. Dr. Paulo Eduardo Teixeira aplicada no 2º ano de Ciências Sociais no 2º semestre.

Nailane Silva Barbosa

Marília 2023

Locais em que foram feitas as entrevistas:

Quinta do Conde (presencialmente); Ferrovia Desembargador Furtado (presencialmente); Ferrovia Carlos Gomes (pesquisa na internet e documento da APA); Ferrovia Tanquinhos (pesquisa na internet e documento da APA).

1º: A entrevista foi realizada na casa da primeira entrevistada, seu nome é Nancy e trabalhava na antiga Fazenda Duas Pontes como gerente, na época em que carregava o nome de Hotel Fazenda Solar das Andorinhas.

2º: A segunda entrevista foi realizada na casa do senhor Paulo, que trabalhou no Hotel Fazenda no cargo de cozinheiro.

3º: A terceira entrevista aconteceu na sala da gerente Ana Lúcia, que trabalhou por muitos anos no Hotel Fazenda, que atualmente carrega o nome de Quinta do Conde.

Introdução:

O presente trabalho foi realizado com o intuito de produzir um resgate de memórias dos Patrimônios Históricos Culturais localizado em Campinas, que foram construídos no período Colonial por doações de terras, as sesmarias, doadas pela coroa portuguesa.

Pensando melhor em como desenvolver a pesquisa, retornei as minhas próprias memórias. Quando saí da Bahia e me instalei na "Colônia" do antigo "Hotel Fazenda Solar das Andorinhas" em 07/09/2008, passei a estabelecer contatos com alguns moradores e com o próprio lugar no qual tenho algumas recordações e lembranças até o presente momento. Morei no local dos meus 9 aos 12 anos, e mesmo depois de termos mudado o contato, permaneceu por meio dos meus avós que moram lá até hoje.

Sendo assim, a proposta deste trabalho é trazer primeiramente a pesquisa realizada por meio de documentos para embasamento teórico, a apresentação dos locais pesquisados com algumas fotos e os relatos de pessoas mais velhas que tiveram – e que ainda tem – um contato maior com o local, trazendo também as suas vivências e experiências, deixando registrado em documento, como forma de fazer permanecer a história do local para que não se perca ao longo dos anos.

Objetivo:

O trabalho realizado tem por objetivo apresentar alguns dos patrimônios históricos de Campinas que foram construídos no período colonial. O patrimônio em seu significado são os bens, direitos e obrigações de uma pessoa ou empresa, mas aqui apresentaremos o patrimônio como uma "forma de inscrição de identidade e memória no campo da cultura"(MACHADO, pg. 1).

As terras:

As sesmarias no período colonial na América eram doações de lotes de terra entregue pela coroa portuguesa a um beneficiário com o intuito de fazer crescer o povoado e o cultivo como uma prática administrativa criada em 1534 com a constituição das capitanias hereditárias para garantir a posse dos territórios. As sesmarias eram doadas para que em troca fosse entregue a coroa o seísmo, que seria a sexta parte de toda a produção da terra doada. Quem detinha o poder? A família patriarcal detinha o poder e a influência, e por muitos anos esteve no domínio por meios das ligações de sangue, do matrimônio com outras famílias poderosas e por meio do apadrinhamento. Os escravos? Trabalhavam para seus senhores dia e noite, sem um período digno para descanso, em situações precárias, e com pouco alimento, eram tratados como inferiores.

“Segundo a "Monografia Histórica de Campinas", um dos primeiros bandeirantes a transitar nesta região - Amador Bueno da Veiga, recebeu em 1707 a concessão de uma sesmaria situada ao norte do Rio Jaguari, fora dos limites atuais do município. Como acesso a essa gleba, foi aberto o "Caminho dos Goiases" e, em seu percurso, desdobraram-se os pedidos e concessões de sesmarias no território hoje correspondente à Campinas. Destas, a primeira de que se tem notícia data de 1715 e poucas haviam sido dadas até 1754.”(Prefeitura Municipal de Campinas, Area de Proteção Ambiental)

A fundação de Campinas em 14 de Julho de 1774 (conhecida como campinas velha), deu início às produções agrícolas devido a qualidade do solo, assim como a boa temperatura para o plantio, o que passou a estimular o assentamento da população que se dedicava a atividades rurais, esse povoamento se deu com a chegada de Francisco Barreto Leme. Foram entregues no total 43 sesmarias (sua entrega chegou ao fim com a emancipação política do país em 1822), e começou a se dividir em grandes fazendas devido ao grande contingente populacional, a partir daí começou a se dividir cada vez mais tornando a maioria dessas grandes propriedades de terra em pequenos lotes.

Desta forma, se estabeleciam no lugar mais apropriado, e começava a cultivar, dessas fazendas é que nasceu mais tarde o povoamento. Entretanto teve um valor maior para o povoamento rural, a sesmaria produziu a fazenda, a capela, o início do patrimônio, as cidades. (MACHADO,pg. 3)

Por volta de 1807 tem-se notícias dos primeiros pés de café em Campinas, em 1830 seu plantio já começava a se estender devido a sua grande expansão e seu valor no mercado externo. Ainda assim, o açúcar até o ano de 1838 tinha sua produção, porém não tão intensa como antes. No ano de 1842 acontecem as primeiras colheitas de café ditas como “importante”, alguns anos mais tarde, por volta de 1850 tem-se os primeiros comércios de

estrangeiros da Alemanha. Porém, antes dos estrangeiros alemães e italianos, nas grandes fazendas de Campinas já havia a presença de escravos a muitos anos antes, no ano de 1800 quando a Fazenda Duas Pontes foi fundada, tendo em sua origem as terras doadas as sesmarias pelo Governo Português com o intuito de elevar o comércio brasileiro, a fazenda foi denominada escravocrata até a abolição de 1888 devido ao número de escravos trazidos de África desde o início do tráfico de escravos no século XVI, que beirava a 70 e 80 escravos, fora os colonos que a fazenda recebia para a produção da colheita de café. Além da quantidade de escravos, as fazendas em Campinas ficaram bastante conhecidas pelo tratamento violento para com os escravos. O Brasil e a África por muito tempo estabeleceram contatos comerciais e culturais, principalmente a África ocidental que forneciam cativos.

Segundo consta, a região da Fazenda Duas Pontes já recebia escravos vindos do Rio de Janeiro desde 1747, ou seja, 30 anos antes da fundação de Campinas, destinados a trabalhar nas lavouras cafeeiras, principal riqueza da Fazenda, cuja produção chegou à cerca de 100.000 sacas de café por ano. Com o fim da escravidão em 13.05.1888, deu-se início às grandes imigrações e a Fazenda recebeu muitos colonos italianos. (HISTÓRICO DA FAZENDA DUAS PONTES - ATUAL QUINTA DO CONDE)

Os escravos africanos aos olhos dos Europeus eram vistos como um produto que serviam para a exploração da América, e um dos maiores movimentos de migração foi o envio dos escravos africanos para o trabalho nas lavouras, pois os europeus possuíam muitas terras e pouca mão de obra no período colonial, nas quais não queriam pagar por trabalho assalariado mas queriam a posse das pessoas para o trabalho exploratório. Antes dos escravos os europeus utilizavam a mão de obra indígena escravizada, porém, o tráfico de escravos africanos foi mais intenso no qual os europeus conseguiu dominar e explorar por muitos anos.

Milhões de escravos africanos entraram no Brasil até o século XIX, vindo da Guiné, Angola e Moçambique em três grandes levas, de acordo com a procedência predominante – da Guiné, no século XVI, de Angola, no século XVII e da Costa do Ouro (ou Costa da Mina, para os portugueses), no século XVIII. (VISENTINI; RIBEIRO; PEREIRA, 2012, pg. 51)

O Brasil teve no século XVI e XVII dois portos negreiros, sendo esses o porto de Pernambuco e o porto da Bahia, e no século XVIII o porto do Rio de Janeiro devido à descoberta do ouro, e ali formou seu eixo principal, tanto a África Ocidental quanto a África Centro-Ocidental e África Oriental participaram do comércio negreiro. E quem transportava os africanos? Claramente os portugueses. Depois que chegavam aos portos, os escravos eram vendidos para os senhores proprietários dos engenhos, e devido a muitas sesmarias cedidas pelo Governo Português havia nas terras a presença de muitos escravos trabalhando no plantio, devido a esse comércio de “mercadoria humana” vindo de África e produtos “têxteis, aguardentes, armas, açúcar, fumo (produzidos na Bahia) e cavalo” vindo do Brasil,

estabeleceu-se por meio dessa troca uma grande influência dos povos africanos no Brasil. Pois, os povos vindos de várias origens de África se espalharam por diferentes regiões.

Patrimônios Históricos Culturais

Fazenda Duas Pontes (Atualmente possui o nome Quinta do Conde):

As terras que abrigam a antiga Fazenda Duas Pontes foi cedida ao capitão-mor Inácio Ferreira de Sá e ao capitão-mor agregado da Vila de São Carlos / Campinas, Floriano Camargo Penteado por volta de 1796 e 1798, essa vila cresceu devido a grande quantidade de trabalhadores escravos que moravam em colônias e trabalhavam na produção. As terras foram cedidas às sesmarias pelo Governo Portugues e inauguradas como Fazenda Duas Pontes em 1800 (final do século XVIII e início do século XIX).

Em 1830 com o matrimônio de seus filhos Joaquim Ferreira Penteado chamado de Barão de Itatiba (1808-1884), e Francisca de Paula Camargo (Baronesa de Itatiba, em Campinas), houve a unificação das terras e assim houve a fundação da Fazenda Duas Pontes, o Barão de Itatiba foi responsável pela construção da primeira escola primária gratuita (1870 a 1880), que foi nomeada “Escola Ferreira Penteado”, uma construção de ensino para “meninos pobres”. Com a morte do Barão de Itatiba, Ignácio Ferreira de Camargo Andrade, seu filho, assumiu a Fazenda Duas Pontes. Depois de sua morte, a viúva D. Brandi na Emilia Leite Penteado casou-se com Arthur Furtado de Albuquerque Cavalcanti que adquiriu as terras e realizou algumas melhorias na fazenda, principalmente nas partes que ficou conhecida e guardadas como áreas históricas, assim como a construção da estação de trem Desembargador Furtado.

A fazenda ganhou muitos melhoramentos e uma grande produção de café, chegando a colher em 1899, vinte mil arrobas deste produto, figurando entre as propriedades que mais produziam naquele ano, num total de apenas quatro, e que alcançaram esta marca, como mostra a tabela de produção das fazendas de café de Campinas em 1899. (PASSEIO HISTÓRICO DA FAZENDA DUAS PONTES)

O Coronel Cristiano Osório de Oliveira arrematou as terras da fazenda em 1919 e fez delas uma das maiores produtoras de café do município de Campinas, suas sacas eram transportadas pelas Estações de trem Tanquinhos e Carlos Gomes. Como dito logo acima, a fazenda foi escravocrata e abrigou escravos vindo de África e colonos vindos de outros países, como por exemplo da Alemanha e da Itália.

Em 1918, Arthur Furtado de Albuquerque Cavalcanti perde a Fazenda Duas Pontes, a qual foi leiloada e arrematada pelo Coronel Cristiano Osório de Oliveira, por pouco mais de 600 contos de réis. A justificativa pela fazenda ter sido levada a leilão e a dívida executada por seus credores foram grandes gastos desordenados. Não foi encontrado nenhum documento que explicasse seus motivos, é possível que a grande crise que assolou a Fazenda Duas pontes tenha

sido causada, além dos gastos desordenados, pelos baixos preços alcançados pelo café neste mesmo ano, uma vez que a Europa, maior exportador e consumidor de café, passava por grande crise, devido aos males trazidos pela Primeira Guerra Mundial que teve seu término somente em novembro de 1918.

(PROJETO PEDAGÓGICO: PASSEIO HISTÓRICO DA FAZENDA DUAS PONTES)

Depois que Arthur Furtado de Albuquerque Cavalcanti perde as terras da fazenda em 1918, ela vai para um leilão na qual O Coronel Cristiano Osório de Oliveira adquirir as terras, além dessas terras da Fazenda Duas Pontes o coronel possuía as terras da Fazenda Santa Genebra, Santo Antônio e Dona Maria Lins todas elas com vários pés de café.

Em 1971 as terras foram adquiridas pela família Ceccarelli em uma parte muito menor do que a inicial fazenda pois foi fragmentadas em chácaras e vendida com o falecimento do Coronel Cristiano e também com a falência da produção de café, a fazenda foi transformada em um Hotel fazenda, daí vem o nome Hotel Fazenda Solar das Andorinhas.

Em 1971, o Engenheiro Dr. Roberto Ceccarelli e sua esposa Sra. Lúcia Fanele Ceccarelli, compram o quinhão de número 5 da Fazenda Duas Pontes e juntos a transformam em Hotel Fazenda, batizado como “Hotel Fazenda”. (PROJETO PEDAGÓGICO: PASSEIO HISTÓRICO DA FAZENDA DUAS PONTES)

Como propriedade de uma área de preservação de um contexto histórico, o hotel ainda guarda os pertences que remetem a fazenda colonial do século XVIII, sendo assim, a sede passou da Fazenda Duas Pontes para Hotel Fazenda Solar das Andorinhas, que atualmente, devido a uma troca de proprietários em 2017 passou a se chamar Quinta do Conde “localizado no município de Campinas, operando no local denominado desde sua fundação como “FAZENDA DUAS PONTES””



Frente da Quinta do Conde – Antiga Fazenda Duas Pontes. Foto Nailane Silva Barbosa em 04/01/2023



Frente da Roda D'Água ao lado esquerdo da entrada, servia para produzir energia, ajudava a moer a grãos e fornecia água potável . Foto Nailane Silva Barbosa em 04/01/2023



Casa de máquinas e museu, ainda ao lado esquerdo, está para ser restaurado. Foto Nailane Silva Barbosa em 04/01/2023



Moinho de fubá do lado direito da entrada. Foto Nailane Silva Barbosa em 04/01/2023



Colônia na qual os colonos se instalaram, do lado esquerdo da entrada. Foto Nailane Silva Barbosa em 04/01/2023

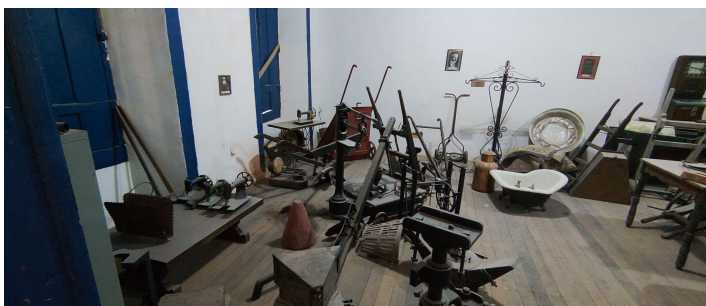


Casarão Sede. Foto Nailane Silva Barbosa em 04/01/2023

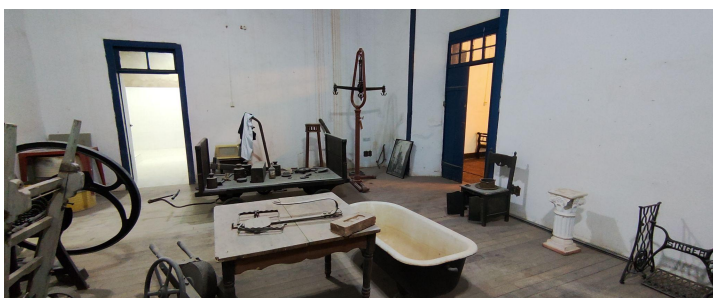
- Aqui contém a área da capela, além do bar farmácia.



Sala da Sede, aqui se encontram alguns artefatos utilizados no período colonial como, móveis, louças, e alguns objetos que ficavam no museu onde é também a casa de máquinas. Foto Nailane Silva Barbosa em 04/01/2023



Na sala da Sede do lado esquerdo, atualmente se encontram os objetos que estavam no museu, pois este está para ser restaurado. Foto Nailane Silva Barbosa em 04/01/2023



Na sala da Sede do lado esquerdo, atualmente se encontram os objetos que estavam no museu, pois este está para ser restaurado. Foto Nailane Silva Barbosa em 04/01/2023



Na sala ao lado direito da Sede, encontra-se alguns móveis da época, como, a prancheta para desenhos arquitetônicos e uma cadeira, uma prateleira com documentos de contabilidades e outros livros, uma escrivaninha e uma máquina de escrever de 1988 e uma estante com documentos de carteiras de trabalho agrícola. Na parede ao fundo mostra o material na qual a fazenda foi construída: “Pau a Pique ou Taipa – Parede feita de ripas ou varas entremeadas de barro ou cal e areia. É uma técnica milenar de construção”. Foto Nailane Silva Barbosa em 04/01/2023



Na primeira foto se encontra Joaquim Ferreira Penteadado - Barão de Itatiba; na segunda foto, Inácio de Ferreira Camargo, na terceira foto, Artur Furtado de Albuquerque Cavalcante e na quarta foto encontra-se Ana de Campos Novas. Foto Nailane Silva Barbosa em 04/01/2023



Alguns quadros no Casarão Sede, como, foto dos escravos trabalhando na lavoura, as escravas preparando a refeição, os escravos trabalhando na Sede e uma notícia que faz referencia a “Extinção da Escravidão” de 13 de maio de 1888. Foto Nailane Silva Barbosa em 04/01/2023



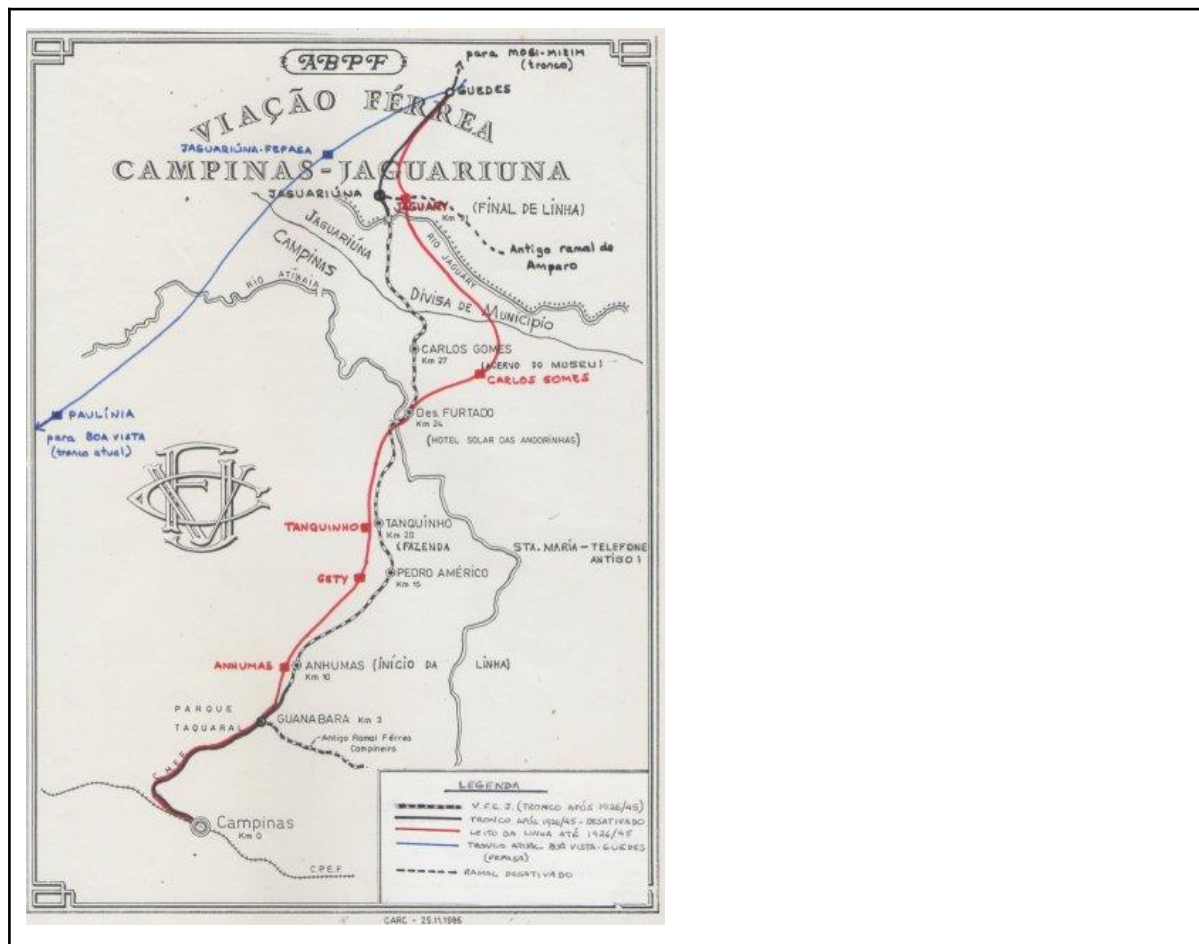
Os réis oferecidos por escravos. Foto Nailane Silva Barbosa em 04/01/2023

	Telha produzida na coxa dos escravos. Foto Nailane Silva Barbosa em 06/01/2023
	Cozinha dos escravos, onde geralmente era preparado os melaços. Foto Nailane Silva Barbosa em 04/01/2023
	Antiga escola de sericultura (bicho da seda) e escola primária para atender os filhos dos colonos. Foto Nailane Silva Barbosa em 06/01/2023

Ferrovias:

A Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e Navegação foi fundada no ano de 1872 em Campinas, em 1875 foi aberto ao público o primeiro trecho da ferrovia Campinas-Jaguariuna. A implantação da ferrovia e sua expansão se deu ao fato da expansão cafeeira (transição da produção do açúcar para a produção do café), atendendo a região norte e nordeste do estado de São Paulo, assim como ao Triângulo Mineiro e algumas partes do sul de Minas Gerais. Primeiramente iniciado para levar as cargas e as descargas das produções agrícolas, as estruturas eram construídas em pedras, e havia muitas irregularizações, porém com a intensificação das pessoas nas regiões tiveram que regularizar o transporte, assim se intensificou também o transporte de passageiros, principalmente com o declínio do ciclo do café, sendo assim, o transporte deixou de ter sua utilidade de transportar produtos para transportar os passageiros, hoje, a linha é utilizada para viagens turísticas.

Com a retificação - regularização do transporte - construíram em Campinas outras ferrovias, sendo essas: Centro, Rizza, Guanabara, Anhumas, Pedro Américo, Tanquinho, Desembargador Furtado e Carlos Gomes, todas elas pertencentes à Companhia Mogiana de Estradas de Ferro.



ACIMA: Mapa que mostra as linhas da Mogiana na região de Campinas: tronco original (1875), variante Guanabara-Guedes (1929-45) e variante Boa Vista-Guedes (1973) - **CLIQUE SOBRE O MAPA PARA VER EM TAMANHO MAIOR** (Acervo ABPF, diagramação posterior Ralph M. Giesbrecht).

Ferrovia: Estação Tanquinhos

Inaugurada em 12/10/1926 a estação Tanquinhos foi substituída pela antiga estação construída em 03/05/1875 devido também a retificação. Seu nome foi dado devido ao posto de lavagem para os vagões que carregavam os gados, além do transporte para os gados, era utilizado também para o transporte dos grãos de café. A antiga estação ainda pode ser vista próximo a nova estação, pois está servindo como depósito para uma fazenda.

ABPF - Associação Brasileira de Preservação Ferroviária, a associação reativou a estação para utilizar como parada - em fase final de restauração.

	A estação de Tanquinho e a espera pelo trem, em 1946. Foto Antonio Perina
	A fachada da estação em dezembro de 2018. Foto Leonardo Patara
Link	http://www.estacoesferroviarias.com.br/t/tanquinho-nova.html

Ferrovia: estação Desembargador Furtado

A nova estação Desembargador Furtado foi inaugurada em 18/11/1929 substituindo a antiga que foi criada em 01/10/1901 em sua linha original quando ocorreu a retificação e recebeu esse nome devido ao nome de um dos proprietários da fazenda. Sua localização antes pertencia às terras da antiga Fazenda Duas Pontes, apesar de ser a menos ferroviária ela exercia a mesma quantidade de embarcações que as demais, isso demonstra o intenso movimento da produtividade da Fazenda Duas Pontes. Essa é a estação que se encontra mais prejudicada (precária), devido ao desmonte da linha em 1977.

Próximo a linha ferroviária foi construída entre 1950 e 1970 a primeira escola de sericultura (Bicho da Seda) do país, pois a fazenda também produzia algodão – era utilizado as suas misturas para a produção de roupas. De 1970 a 1980 predio construido serviu como escola primária, porém, hoje o prédio se encontra abandonado e com uma estrutura bastante precária.

ABPF - Associação Brasileira de Preservação Ferroviária, a estação aguarda restauração.

	A estação em 10/03/1998. Foto Ralph M. Giesbrecht
	A estação Desembargador Furtado em 06/01/2023. Foto Nailane Silva Barbosa
Link	http://www.estacoesferroviarias.com.br/d/de/sfurtado.htm - Apenas da primeira foto

Ferrovia: Estação Carlos Gomes

A estação Carlos Gomes recebeu esse nome em homenagem ao compositor campineiro da época que se chamava Antônio Carlos Gomes, “considerado o mais importante do gênero ópera do Brasil”. Ela fica próxima ao atual Bairro Carlos Gomes Novo que inicialmente chamava Bairro Carlos Gomes Velho, e sua posição era mais a leste do que a ferrovia atual, que em sua composição possui outros edifícios históricos e culturais como a Fazenda Santa Rita localizada próxima a estação.

A nova estação inaugurou em 18/11/1929 substituindo a antiga que foi criada em 01/01/1888, que em sua linha original possuía o nome Chave do Matto Dentro e foi renomeada Carlos Gomes em 1896.

Essa estação é uma das maiores do município de Campinas por ser construída por último, devido a retificação (com as regularizações das ferrovias) das linhas para conseguir transportar os passageiros, além do café. A estação Carlos Gomes foi a única estação a carregar pedras e gados além do transporte para agricultura e passageiros.

ABPF - Associação Brasileira de Preservação Ferroviária, a estação está em funcionamento com a linha Campinas-Jaguariuna.

	Na viagem inaugural da VFCJ, em 1981. Foto ABPF
	A estação em 18/9/2022 (Foto Murici Tondato).
Link	http://www.estacoesferroviarias.com.br/c/carlos-gomes-nov.htm

Entrevista oral

Nancy:

“Eu vim para o Hotel em 75, naquela época a gente não tinha nem dimensão direito do que era o Hotel. O Hotel Fazenda era uma coisa que, nossa ninguém vinha, aí eu vim como telefonista, naquelas PBX ainda de pega, aí eu comecei a trabalhar. Trabalhava com a Nina, com a dona Lúcia que é a Fanele ceccarelli que eram as donas do Hotel, e o Moacir Frize que era um dos sócios.”

“Junto com a vivência de hotelaria que eu não sabia nada eu fui aprendendo muito né, porque a Dona Lúcia, ela era uma bailarina e tocava piano, ela contava na época que a mãe dela veio da Itália e dava aulas de etiqueta pra Condessa Matarazzo, então essa foi a minha vivência no Hotel.”

“Era uma fazenda na época que tinha muito escravo, e a última foi a Clemilda, quer dizer, ela já não era mais escrava graças a Deus né, mas ela morreu com cento e poucos anos na colônia de dentro - aqui ele se refere a colônia que foi construída para os colonos que vinha de outro país para trabalhar -, e meu irmão ainda conheceu, por que a minha família morava aqui na região no local que chama Furtado próximo a estação que leva o mesmo nome do barão daqui, que é onde a maria fumaça passava e escoava todo o café da fazenda.”

“Dentro da Fazenda tinha uma parte que tinha a taboa e a gente ia buscar água em uma mina que tinha lá, uma das melhores águas, próximo de onde a gente ia buscar água tinha muita taboa, e lá tinha muita santa cruz, onde as pessoas morriam e colocavam a cruz, essa santa cruz tinha capacete, a gente andava pelo Hotel e ainda achava balas da revolução de 32.”

A Revolução Constitucionalista de 1932 é celebrada no dia 9 de julho, quando começou a luta armada de São Paulo contra Getúlio Vargas, na época chefe do governo provisório. Neste dia, as tropas assumiram o governo de São Paulo e seguiram para o Rio de Janeiro a fim de afastar Getúlio Vargas. As forças paulistas esperavam o apoio de outros Estados, mas isso não aconteceu. Os cidadãos não só apoiaram a revolução como houve a adesão de muitos para o combate.

Embora o Estado tenha perdido a luta armada, a Revolução de 32 teve frutos com a instituição de eleições (inclusive com o direito de voto estendido às mulheres) para a Assembleia Constituinte que proclamou a Constituição de 1934. (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS)

“Tinha lá a cozinha dos escravos, mas eu acredito que ali era uma cozinha que tem, você vai ver um panelão e um fogão que, quando fez 100 anos da abolição, fez um especial para TV Cultura, eles acenderam o fogão, e tem um tacho de mil e oitocentos e alguma coisa da Macart de Campinas – Fundação Campineira –, o que eu acredito que ali eram feito os melaços.”

“A região nossa, aqui, ela tem muita descendências italianas, pessoas que vinham e paravam aqui na Carlos Gomes – aqui ela se refere a ferrovia –, paravam em Furtado e daqui seguia adiante, assim como minha família foi para casa branca, e aqui na região ficou muita família italiana, que ainda tem algumas que moram aqui até hoje e que trabalhavam na fazenda, se você for lá vai ver os livros – se refere aos livros de contabilidade –, que eles trabalhavam e ainda deviam muito, enfim, aquela exploração que a gente sabe que houve.”

“Na época a gente tinha uns passeios que faziam na Fazenda Monte D'este, ela é ativa até hoje para passeios monitorados, aí a gente pegava os hóspedes daqui e levava lá para ver como era a panha de café, o abanação, a casa conservada de 1800 intacta, por que Japonês você sabe com é que é né – se refere ao cuidado e a preservação que eles tem pelo local –, tudo intacto, tudo perfeito, e lá eles fazem ainda essa viagem, se eu não me engano lá é pela Mitsubishi os donos de lá, e eu conheci um dos diretores na época em que eu era gerente, que a gente tinha essa parceria. Então quer dizer, assim, aqui é a fazenda, aí tem a imigração dos italianos, você atravessando a pista, você tem a onde foi a imigração dos Japoneses.”

“Em si do Hotel mesmo, a característica dele era a história que todo mundo se apaixonava, aquela coisa tudo histórico né.”

“Aqui do lado de cima, perto da casa da sua vó, ali era uma plantação, porque assim, lá tem uma casinha – foi derrubada –, aquela casa escoava o café, aqui era um terreirão de café, onde eles batiam o café, isso aqui tudo era terreiro de café. De lá vinha o vagonete, que eles traziam o café e despejava aqui, mais do lado de cima, era plantação se eu não me engano de milho, por que essa fazenda, ela era sesmaria, ela vinha de Itatiba e ia até Mogi Mirim, ali aonde é Furnas, ali se eu não me engano eles plantavam na época arroz.”

“As histórias ao redor aqui desde a Monte D’este, da Tozan, o caminha aqui que era a estrada dos Goiasés, então aqui é muito histórico, é muito diferente de tudo o que você pode imaginar de uma história [...] na época fizeram um filme, inclusive foi eu que fechei, eu ia no set de gravações, o set ainda está montado até hoje ali depois do Amor Exigente, chama Corações Sujos – esse filme foi passado em sala de aula como indicações de filme para a segunda análise –, são atores japoneses de primeira linha, inclusive um dos atores brasileiros é o Edu Moscovis – Eduardo Moscovis –, é uma história real da guerra. [...] gravaram vários filmes aqui.”

Paulo (Seu Paulinho):

“Eu sou cozinheiro, eu vim pra cá faz uns 15 anos, e o que eu sei da história do Hotel é que, é uma fazenda que tinha bastante escravos antes de ser o Hotel, depois, durante um tempo foi abandonado, depois foi reformada e foi feita o hotel. Então, tem algumas coisas na fazenda que pertence ao tempo dos escravos e o hotel aproveitou isso para fazer propaganda, então durante bastante tempo o hotel funcionou com essa história importante dos escravos – voce trabalhou pros donos lá em São Carlos, diz a esposa ao fundo –, era um lugar legal enquanto funcionou, era um lugar legal pra gente trabalhar.”

“O trem durante um bom período que o hotel funcionava, no começo do hotel, o trem da Mogiana funcionava né, de Campinas a Minas, acho que era dois horários de trem, durante um bom tempo funcionou. Mas depois parou, ficou tempo parado e agora tem a maria fumaça – nome dado também a locomotiva, trem, maria fumaça – né, agora é só para turismo mas antes era comercial mesmo, funcionava para passageiro. [...] as pessoas vinham, muita gente vinham se hospedar e vinha pra conhecer a história dos escravos, a história da fazenda, então, uma época bacana.”

Ana Lúcia:

“Meu nome é Ana, tenho 42 anos, tenho uma história de vivência aqui na fazenda, hoje Quinta do Conde Lazer Eventos, mas já foi uma fazenda de café já foi um Hotel Fazenda e hoje trabalha com eventos corporativos, eventos de festa e tudo mais. A minha história aqui na fazenda vem desde os meus pais, primeiro a minha mãe começou trabalhando aqui logo quando deixou de ser fazenda para virar um hotel, ela trabalhou em vários setores aqui, camareira, limpeza na lavanderia passando roupa, e logo veio o meu pai, trabalhou na área de serviços gerais da fazenda por muitos anos. Minha mãe trabalhou aqui por 42 anos e meu

pai 34 anos de fazenda, os meus irmão trabalharam aqui e como eu nasci aqui, logo que eu fiz a idade comecei a trabalhar aqui também quando Hotel Fazenda, trabalhei em várias áreas aqui também, comecei como, telefonista, recepcionista, trabalhei no restaurante, em várias funções que eu nem me recordo mais. Depois eu fui subindo, trabalhei no escritório, no RH, depois trabalhei de secretária e aí depois fui para gerência operacional, e cuidar da área de operação do Hotel.

“Depois o Hotel fechou em 2017, e aí veio uma nova administração que hoje é a Quinta do Conde e eu trabalho com eles desde então. A Quinta do Conde tem o cuidado de, assim como o Hotel também tinha de preservar toda história por que é uma fazenda histórica, com muitas história, com muitas passagens e a intenção da Quinta também é preservar, a casa Sede é tombada como patrimônio histórico e ela tem passado junto com o DePac – Departamento de Preservação do Patrimônio Cultural –, com uma restauração. [...] começa agora no próximo ano o restauro da Casa Sede, já foram levantados todos os documentos junto com o DePac e agora eles estão levantando a parte de como era realmente a fazenda, por que eles querem trazer a originalidade pra essa Casa Sede.”

“Sempre foi feito o chamado Passeio Histórico, era um passeio que a equipe de monitores faziam com os clientes para contar toda história da fazenda, então eles passavam pela Casa Sede, iam pelo Museu da fazenda que nós temos ainda algumas peças originais da época que contam a história de como era o trato do café, o trato com os escravos, passava pelo Moinho de Fubá, pela Roda D’água, pela Casa Sede que conta suas histórias onde tem os livros que consta os números da fazenda, carteiras de trabalho, conta toda parte administrativa também da fazenda. Passavam pela cozinha dos escravos, que até então pra nós era uma cozinha original da época onde era trabalhado muito o melaço da cana de açúcar né, ali naquela região, passavam pelas ruínas da senzala e terminava no Museu.”

“Toda a Sede vai voltar ao original , eles vão fazer toda sede com a lajota, essa fazenda precisa ser restaurada por que ela é muito linda e está bem abandonada”

Conclusão

Em conclusão, as terras doadas as sesmarias no período colonial – muita delas – se encontra em tamanhos reduzidos, sendo assim, não possui mais o tamanho original das terras doadas pela coroa portuguesa, a grande maioria das fazendas doadas, hoje, são tidas como patrimônio histórico assegurados pela Área de Proteção Ambiental (APA – no setor norte), pois conta como foi o período na qual teve seu início e a história que carrega ao longo dos anos, e é preservado para que esses patrimônios possa continuar fazendo parte dessa formação cultural. Nas fazendas, além de se manter o casarão que eram abrigados pelos senhores proprietários das fazendas, eles mantêm as áreas na qual os escravos trabalhavam, como as áreas encontradas no atual Quinta do Conde – antiga Fazenda Duas Pontes –, que no atual momento está passando por uma restauração junto com o Departamento de Preservação do Patrimônio Cultural (DePac), assim como as ferrovias asseguradas pela Associação Brasileira de Preservação Ferroviária (ABPF), que desde seu início serviu para transportar os

alimentos produzidos na fazenda, os animais, os passageiros, e hoje se tornou uma linha de passeio que pertence a Companhia Mogiana de Estrada de Ferro. Os relatos de memória contam muito sobre a área tida como Patrimônio Histórico Cultural, e a importância dela para a construção da cidade, da história, da cultura, dos compartilhamentos de experiências, das vivências que tiveram e que ainda tem, e principalmente da memória que ainda traz para os dias atuais os acontecimentos do passado, pois ele também faz parte do presente e fará no futuro com os devidos cuidados de preservação dos patrimônios e dos documentos.

Fases e dificuldades encontradas ao longo do trabalho:

Fase Inicial (organização do grupo): Inicialmente comecei a pesquisa pela procura de conteúdos para embasamento teórico, os conteúdos encontrados dizem respeito ao tema e o local de pesquisa no qual se encontra o patrimônio pesquisado, em Campinas. O Documento no qual demorou um pouco para chegar em mão foram os documentos disponibilizados pela gerente da “Quinta do Conde” devido as festividades do fim do ano, assim como a espera para a visita que ficou para a primeira semana do ano de 2023. Quando consegui os documentos (30/12) dei continuidade a pesquisa, aqui comecei a digitar a parte escrita do trabalho, e na primeira semana fiz a visita no local para a retirada de fotos e vídeos.

Fase Intermediária (distribuição de tarefas entre os membros do grupo, escolha do método frente ao tipo de pessoa pesquisada): A distribuição das tarefas foi realizada em, busca de documentos teóricos, visita no local de pesquisa, a procura por participantes para entrevista e a junção disso em um documento. As visitas inicialmente estavam programadas para ocorrer em todos os lugares apresentados no documento, porém, o deslocamento para os locais se tornou complicado devido a muita chuva e o pouco tempo em que fiquei no local.

O método de pesquisa escolhido foi a entrevista semi estruturada e qualitativa, na qual fiz algumas perguntas para que os participantes falassem um pouco sobre o patrimônio histórico e como foi a vivência e o trabalho deles desde a época em que teve contato com o local. As perguntas foram poucas de modo a deixar com que os participantes ficassem à vontade para relembrar o passado e trazerem as memórias as experiências e as vivências. A pesquisa-ação, com a ida ao campo e a história oral. As técnicas utilizadas para a entrevista foram o gravador do celular, assim como a câmera para as fotografias e os vídeos.

Final (escolha da forma de apresentação dos resultados, e apreciação final sobre o projeto, com sugestões para o aprimoramento do mesmo):

A forma de apresentação dos resultados se encontra em três partes, a parte escrita com a presente descrição do trabalho, a segunda parte contendo a escrita com base nos documentos para a pesquisa e a terceira parte com a entrevista realizada.

O projeto realizado tem um tema bastante importante para a sociedade e para o permanecimento da história ao longo do tempo, sendo assim, esse trabalho é um trabalho de

memória, no qual resgatamos as vivências dos participante para que elas não se percam com o tempo, como uma forma de fazer permanecer os documentos escritos.

O tempo no qual tive que desenvolver essa pesquisa foi um pouco curto devido a minha ida para o local no período de recesso de 3 semanas e os acontecimentos das festividades do final do ano. Uma sugestão para aprimorar esse trabalho é desenvolvê-lo em um período mais longo e por etapas de maneira a aprofundar as pesquisas teóricas de conhecimento da cidade de Campinas e dos documentos dos demais patrimônios históricos do local, assim como visitas para os lugares e entrevistas com mais participantes. Estabelecendo um diálogo com mais moradores da região para conhecer suas histórias e a história do local de pesquisa.

Referências:

MENDONÇA, Marina Gusmão de. História da África – São Paulo: LCTE Editora, 2008.

VISENTINI, Paulo Fagundes; RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira; PEREIRA, Analúcia Danilevicz. História da África e dos africanos. 3. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MACHADO, Thatiane Carneiro Sotano. HISTÓRIA, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA DE CAMPINAS DESCOBRINDO E PRESERVANDO A MEMÓRIA - III Congresso Internacional e Interdisciplinar em Patrimônio Cultural: Experiencia de Gestão e Educação em Patrimonio. Editora Cravo, Porto, Portugal. Disponível em: https://www.ciipc2020.rj.anpuh.org/resources/anais/13/ciipc2020/1624053376_ARQUIVO_cc7520d03deaac7477ce4e26c9de6c30.pdf. Acesso em 09 de Janeiro de 2023

Prefeitura Municipal de Campinas. SEPLAMA – Secretaria Municipal de Campinas. Plano de Gestão da Área de Proteção Ambiental da Região de Sousas e Joaquim Egídio APA Municipal, 1996. Disponível em: <https://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/planos-locais-de-gestao/doc/plgapa.pdf>. Acesso em 09 de Janeiro de 2023

Foi utilizado para o seguinte trabalho (documentos direto da antiga Fazenda Duas Pontes):

Passeio Histórico Fazenda Duas Pontes: apostila desenvolvida para estudos do meio.
Histórico: Quinta do Conde Lazer e Eventos - antiga Fazenda Duas Pontes.

Associação Brasileira de Preservação Ferroviária (ABPF)

<https://www.abpf.com.br/estacao-tanquinho/>
<https://www.abpf.com.br/estacao-desembargador-furtado/>
<https://www.abpf.com.br/estacao-carlos-gomes/>